

POLÍTICA ECONÔMICA

Especialistas acreditam que Banco Central está sem margem de manobra para uma nova redução da taxa básica. Dólar mais caro, consumo elevado e capacidade da indústria são motivos de preocupação

No limite para queda dos juros

VICENTE NUNES

ENVIADO ESPECIAL

Campos do Jordão (SP) — As margens de manobra usadas pelo Banco Central para reduzir a taxa básica de juros (Selic) estão cada vez menores. A constatação foi feita ontem pelo economista Eduardo Loyo, ex-diretor de Estudos Econômicos do BC, ao participar do 3º Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro com a sugestiva palestra "O Brasil navegando em mar revolto."

Na avaliação de Loyo, hoje economista-chefe para a América Latina do Banco UBS Pactual, é difícil dizer qual o tamanho da margem que ainda resta ao BC para cortar a Selic, já que o consumo doméstico está avançando, a produção se aproxima dos limites de capacidade da indústria e o dólar se mantém acima de R\$ 2. "O que eu posso dizer é que essas margens são finitas e não estão longe de exigir do BC o fim do ciclo de baixa dos juros", afirmou.

Pelas contas de Loyo, a subida de mais de 5% do dólar em agosto praticamente zerou os benefícios da queda da moeda americana em maio e em junho, meses em que a inflação deu sinais de arrefecimento e permitiu que o Comitê de Política Monetária (Copom) promovesse duas baixas seguidas dos juros de 0,5 ponto percentual. Ele ressaltou que o impacto da alta do

dólar será sentindo mais a curto prazo e as decisões de política monetária tomadas pelo BC a partir de agora só terão impacto em 2008.

Prudência

Para o economista Rogério Werneck, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), por prudência e por não se saber a exata extensão dos impactos da crise internacional na economia brasileira, o BC deveria suspender o processo de queda dos juros na reunião do Copom dos próximos dias 4 e 5 de setembro. Quer dizer: a Selic deveria ser mantida em 11,5%. O professor disse ainda que o fato de a inflação em 12 meses já estar acima de 4% não deve ser visto como uma ameaça preocupante, pois permanece abaixo do centro da meta definida pelo governo, de 4,5%.

No entender do presidente da Associação das Distribuidoras de Valores (Adeval), Ney Castro Alves, em meio a tanta incerteza, o melhor que o BC pode fazer é suspender a queda da Selic em setembro e avaliar melhor o cenário. Se nada de mais grave se confirmar, aí, sim, poderá voltar a cortar os juros. "Mesmo que exista espaço para uma baixa de 0,25 ponto percentual no mês que vem, não custa nada usar a parcimônia", destacou.

O REPÓRTER VIAJOU
A CONVITE DA BM&F